

PLAUTO

O SOLDADO FANFARRÃO

(MILES GLORIOSUS)

Comédia

Tradução e Adaptação de
José Dejalma Dezotti

Introdução de
Wilson Alves Ribeiro Jr.

DEDALUS - Acervo - FE



20500087020

1999

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Araraquara

Biblioteca / FEUSP

48543

COLEÇÃO GIZ-EN-SCÈNE
VOLUME 8

Contato:

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP
Departamento de Linguística
Caixa Postal 174
14801-970 - ARARAQUARA - SP

Comissão de Publicação:

Carlos Alberto da Fonseca
Flávia Regina Marquetti
João Batista Toledo Prado

Aquisição	Regina
Origem	Regina
Solicitante	
Proc	
R\$	Data 27/4/04
N.º de Chamada	877 P218

Ficha catalográfica

P 721 s Plauto

O Soldado Fanfarrão; tradução e adaptação de José Dejalma Dezotti. Introdução de Wilson Alvez Ribeiro Jr. Araraquara; FCL/UNESP, 1999. (Coleção Giz-en-Scène, 6)

1. Comédia latina. 2. Teatro latino. I. Título. II. Dezotti, José Dejalma, trad. III. Série IV. Ribeiro Jr., Wilson Alves, intr.

CDD-872-3

José Dejalma Dezotti é professor de Língua e Literatura Latina do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Araraquara. Wilson Alves Ribeiro Jr. é médico e atual Secretário da Regional Sudeste.6 da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

Apresentação

O Grupo Giz-en-Scène de leituras dramatizadas tem por objetivo fundamental propiciar uma aproximação prazerosa dos interessados em teatro da Antigüidade com os textos de variado gênero que compõem o rico repertório dessa tradição. Isto se faz com duas finalidades paralelas: ensejar um conhecimento mais assíduo dessa manifestação artística, tanto no sentido estético quanto no da prática teatral propriamente dita, e fornecer subsídios para uma informação mais atenta sobre a cultura dos povos em questão. Após as primeiras apresentações do Grupo, entretanto, ficou claro para seus integrantes que parte de seu esforço deveria ser dedicada à preparação para palco de textos já originalmente compostos para existirem no palco.

Esse trabalho, que passou a ser elaborado para todos os textos apresentados, tem diretrizes muito claras e método assentado. Levando em consideração que as platéias grega, romana ou indiana antigas eram formadas por pessoas que viviam cotidianamente imersas na cultura que lhes era re(a)presentada nas peças a que assistiam, tornou-se necessário proceder a alguma adaptação no original no sentido de deixar o mais claro possível o suporte intertextual e referencial da obra. Para tanto, os mecanismos mais utilizados são a **inclusão** de alguma informação (quando substancial para o entendimento de alguma cena ou de algum motivo dramático), a **eliminação** de alguma referência (quando de caráter essencialmente localizado e destinada à fruição da platéia original) e a **modificação** de algum comentário (quando ele é importante dramaticamente, mas carece de um conhecimento mais generalizado). Procede-se, também, a um "enxugamento" da peça, em falas, passagens ou cenas bem determinadas, tanto para tornar o texto mais ágil quanto para reduzi-lo em sua duração — presidindo a esta operação, sempre, a tradição e o gosto de nossas platéias e a preservação daquilo que em cada texto é fundamental e essencial.

Além disso, outro processo de adaptação largamente utilizado consiste num trabalho de **adequação do nível de linguagem** em que a peça deve ser apresentada. Esta necessidade, em particular, derivou da constatação de que as traduções existentes dos textos escolhidos para apresentação têm caráter eminentemente acadêmico, não foram feitas com o pensamento voltado para sua realização teatral — fato que não

desmerece seu caráter nem diminui suas qualidades. Elas, todavia, assim como estão, dificultam sua apreciação por parte de nossas platéias.

Ainda com relação à linguagem, outro modo de intervenção no texto original diz respeito ao aproveitamento, enquanto elemento de dramaturgia, da variante lingüística nele falada por determinadas personagens. Desse modo, atendendo-se a características estéticas originais peculiares, presentes tanto nas comédias romanas e gregas quanto nas peças do teatro indiano, recorre-se — diferentemente das traduções “literarizantes” — a variados registros populares da língua portuguesa, sempre com o intuito de preservar de algum modo a diferença social significada pela variação lingüística presente no texto original.

“Cacos” são de difícil controle, mas eles acontecem no momento mesmo das apresentações, e são feitos em função do local da apresentação ou do momento em que ela se realiza. Fazem parte, assim, de outro tipo de estratégia de aproximação, não-textual, aquela que diz respeito à prática cênica e que caminha em conjunto com questões relativas a figurino, iluminação, música, gestualidade, cenário, adereços, etc. — que sempre são pensadas nos limites do texto apresentado.

Quanto à poesia lírica, são os textos traduzidos segundo metodologia corrente — sempre, porém, com a atenção voltada para sua realização oral. São, depois, organizados como um recital — forma que de certo modo resgata a circulação e a vivência desses textos em saraus literários. Detalhes sobre essas adaptações — bem como sobre os textos não teatrais na origem mas apresentados pelo Grupo nesta forma — são esclarecidos na “Introdução” dos volumes respectivos.

Desse modo, os textos publicados nesta Coleção Giz-en-Scène correspondem à versão teatral lida nas apresentações do Grupo, trabalhada por seus integrantes no sentido de possibilitar um contato mais vivo com as culturas envolvidas e uma apreciação mais satisfatória do espetáculo apresentado. Cabe enfatizar que o texto lido nessas ocasiões não tem a pretensão de substituir as traduções existentes: o esforço de adaptação principia sempre no texto original e termina num texto possível de ter vida cênica no nosso contexto. O ideal desta operação: manter significativas vozes e palavras vindas do fundo dos tempos.

Introdução:

Do sorriso grego à gargalhada romana

Os romanos foram oficialmente apresentados ao teatro grego em -240 por Lívio Andrônico, um grego de Tarento escravizado na captura da cidade¹. Lívio apresentou ao público, durante os jogos comemorativos da vitória romana na primeira Guerra Púnica, uma tragédia e uma comédia grega², e o sucesso dessa apresentação foi suficiente para popularizar a comédia grega em Roma e, uma vez adaptada ao gosto romano, estabeleceu-se como o gênero literário por excelência da comédia latina.



himation grego

puramente romanos, herdados diretamente de antigos elementos pré-literários da comédia latina: o fescenino, a *satura*, a *atellana* e o mimo.

As refinadas comédias gregas, dirigidas a platéias helenísticas de classe média, caracterizavam-se pelo humor, pelas situações do dia-a-dia, pelos personagens-tipo e pela presença do amor romântico; arrancavam, sempre, emoções e muitos sorrisos da platéia. Os comediógrafos latinos, por outro lado, escreviam para as massas, buscavam nada menos que estrondosas gargalhadas. Testemunhos contemporâneos confirmam que, por volta de -200, as comédias que desfrutavam de maior popularidade eram as de Plauto.

¹ A cidade grega de Tarento, localizada ao sul da península italiana, foi vencida em -272 no final da Guerra contra Pirro, rei do Épiro.

² Cícero (-106/-43), *Brutus*, XVIII.

³ O *pallium* corresponde ao *himation* grego, uma espécie de manto.

Pouca coisa de certo se sabe a respeito de sua vida; mas, desde a Antiguidade, Titus Maccius Plautus é o mais prestigiado dos poetas cômicos latinos. De acordo com a tradição, nasceu c. -254 em Sarsina, Umbria, e morreu c. -184 em Roma. Algumas passagens de suas peças dão a entender que foi ator antes de ser escritor. A ele foram atribuídas cerca de 130 comédias, das quais apenas 21 eram consideradas autênticas pela crítica da época. Chegaram até nós também 21 comédias⁴, algumas delas incompletas e uma em estado fragmentário. Apenas duas podem ser datadas com alguma precisão (*Stichus*, -200; *Pseudolus*, -191), e de modo geral a ordem cronológica das peças é até hoje motivo de viva controvérsia. É costume, por isso, citá-las em ordem alfabética: *Amphitruo* ("Anfitrião"), *Asinaria*, *Aulularia* ("Comédia da Panela"), *Bacchides*, *Captivi* ("Os Prisioneiros"), *Casina*, *Cistellaria*, *Curculio* ("Caruncho"), *Epidicus* ("Epidico"), *Menaechni* ("Os Menecmos", volume 2 desta Colção), *Mercator*, *Miles gloriosus* ("O Soldado Fanfarrão"), *Mostellaria*, *Persa*, *Poenulus*, *Pseudolus*, *Rudens* ("O Cabo"), *Stichus*, *Trinummus*, *Truculentus*, e *Vidularia*.



Soldado romano
(-300/-250)

A comédia "O Soldado Fanfarrão", magistralmente traduzida e adaptada neste volume pelo Prof. José Dejalma Dezotti, está entre as peças mais conhecidas de Plauto. Sua data exata é desconhecida, mas algumas características do estilo permitem situá-la entre as mais antigas. Todos os recursos cômicos habitualmente empregados por Plauto estão presentes, com uma interessante variante do tema dos gêmeos idênticos⁵: a mocinha representa o próprio papel e também o de uma irmã gêmea imaginária...

Nenhuma análise, no entanto, pode antecipar adequadamente a leitura ou a apreciação de uma peça de Plauto. Como bem disse o Prof. Dezotti em outra oportunidade, o objetivo da comédia latina é simplesmente divertir e provocar muitos risos — ou, como Plauto gostaria de emendar — gargalhadas...⁶

⁴ As peças identificadas pelo erudito Varro são conhecidas por *fabulae Varronianae* e correspondem, provavelmente, às 21 peças que sobreviveram.

⁵ O uso de personagens fisicamente idênticos como recurso cômico era muito comum já entre os gregos. Em Plauto o tema é encontrado em seu formato típico em "Os Menecmos" (gêmeos) e em "Anfitrião" (sósias).

⁶ As ilustrações do texto foram desenhadas a partir de achados arqueológicos do sul da Itália, conforme M. Beaulieu - *Le Costume Antique et Médiéval* - Paris: PUF, 1974 (pág. 7) e T. Cornell e J. Matthews - *Atlas of the Roman World* - Oxford: Andrômeda Oxford, 1982.

O SOLDADO FANFARRÃO

PERSONAGENS

[entre parênteses os nomes originais]

- PIRGOPOLINICES - soldado (*Pyrgopolinices - miles*)
ARTOTROGO - parasito (*Artotrogus - parasitus*)
PALESTRIÃO - escravo (*Palaestrio - seruus*)
PERIPLECTÔMENO - velho (*Periplectomenus - senex*)
CÉLEDRO - escravo (*Sceledrus - seruus*)
FILOCOMÁSIA - moça (*Philocomasium - mulier*)
PLÊUSICLES - moço (*Pleusicles - adulescens*)
LURCIÃO - criadinho (*Lurcio - puer*)
MILFIDIPA - criada (*Milphidippa - ancilla*)
ACROTELÊUCIA - prostituta (*Acroteleutium - meretrix*)
CARIÃO - cozinheiro (*Cario - cocus*)

ATO I

*(Pirgopolinices sai de casa
seguido por Artotrogo, seu parasita)*

PIRGOPOLINICES - *(falando para dentro de casa)* E tratem de me deixar esse escudo mais reluzente do que os raios do sol num dia claro! *(virando-se para a platéia)* É que eu quero ofuscar a vista do inimigo, na hora da batalha. *(caminha para a frente do palco, com Artotrogo em seus calcanhares)* De fato, estou mesmo precisando dar um consolo a esta minha espada. Ela vive se queixando, não se conforma em ficar tanto tempo assim de folga. A coitadinha está louca de vontade de fazer picadinho do inimigo! *(recoloca a espada na bainha)* Mas cadê o Artotrogo?

ARTOTROGO - *(saindo de trás do soldado e se apresentando)* Aqui, senhor! Sempre junto desse varão valente e valoroso, desse homem forte, afortunado e formoso como um rei! Desse herói tão... ah, o próprio Marte não ousaria comparar as façanhas dele com as do senhor!

PIRGOPOLINICES - Marte? Não foi esse tal de Marte que eu saí nos Campos Carunchenses das tropas comandadas pelo general Bumbomáquides Clutumistaridisárquides, o neto de Netuno?

ARTOTROGO - Ah, eu me lembro! O senhor, na certa, está falando daquele com armas de ouro, cujas legiões o senhor dispersou com um único sopro, como o vento faz com as folhas ou com as palhas dos telhados...

PIRGOPOLINICES - Ora, aquilo não foi nada.

ARTOTROGO - Nada, é claro, se comparado com as outras façanhas que posso contar aqui... *(afastando-se e falando para o público)* e que o senhor nunca cometeu. Se alguém aí já viu um sujeito mais mentiroso, mais papudo do que esse, pode

me levar como escravo. Eu me entrego de corpo e alma. Só tem uma coisa de bom: as azeitonas que a gente come na casa dele são de enlouquecer!

PIRGOPOLINICES - Mas cadê você, Artotrogo?

ARTOTROGO - Aqui, senhor! *(como que lembrando)* Ah! E aquele elefante na Índia, hein? Com que soco o senhor arre-bentou o nariz dele!

PIRGOPOLINICES - Nariz?

ARTOTROGO - Desculpe, senhor. Eu quis dizer a tromba!

PIRGOPOLINICES - Bah! Foi um soquinho de leve que eu dei.

ARTOTROGO - Mas também, se o senhor tivesse dado com toda a sua força, seu braço teria entrado pelo couro do elefante e varado o estômago, as tripas...

PIRGOPOLINICES - *(cortando)* É, mas eu não quero falar disso agora.

ARTOTROGO - Nem vale a pena. Pra que ficar me contando suas proezas a mim, que já conheço todas! *(para o público)* É o estômago que me obriga a aguentar essa encheção de saco: pra boca poder mastigar, os ouvidos têm que ficar ouvindo esse monte de baboseira.

PIRGOPOLINICES - Mas o que é que eu ia dizer mesmo?

ARTOTROGO - A verdade. Sei perfeitamente que o que o senhor ia dizer é a pura verdade.

PIRGOPOLINICES - Mas o quê?

ARTOTROGO - O que quer que seja...

PIRGOPOLINICES - Você por acaso tem aí...?

ARTOTROGO - Uma tabuinha de escrever? Mas é claro que eu tenho. E um estilo também.

PIRGOPOLINICES - Puxa, mas você parece que adivinha os meus pensamentos!

ARTOTROGO - E não faço mais do que a minha obrigação, senhor. Estou sempre atento pra farejar de longe qualquer desejo seu.

PIRGOPOLINICES - Por acaso, você se lembra...

ARTOTROGO - Claro que me lembro: cento e cinquenta na Cilícia, cem na Citrolatrônia, trinta sardos e sessenta macedônios: essa foi a quantidade de homens que o senhor matou num único dia.

PIRGOPOLINICES - E quanto dá tudo isso?

ARTOTROGO - Sete mil!

PIRGOPOLINICES - É, deve ser isso. Pelo que sei, você é bom de conta.

ARTOTROGO - E olha que eu não tenho nada anotado; sei tudo de cabeça.

PIRGOPOLINICES - Caramba! Isso é o que eu chamo de memória!

ARTOTROGO - *(à parte)* É a boa carne que me dá essa memória!

PIRGOPOLINICES - Continue assim e nunca vai te faltar o que comer. Você vai ter sempre lugar em minha mesa.

ARTOTROGO - *(mais entusiasmado)* E na Capadócia então? Se a sua espada não estivesse rombuda, o senhor teria matado quinhentos numa espadada só!

PIRGOPOLINICES - Aqueles? Tive dó: eram uns simples soldados. Achei melhor poupar-lhes a vida...

ARTOTROGO - Mas pra que ficar dizendo aqui o que todo o mundo já sabe? Afinal, o senhor é Pírgopolinices, o único homem na face da terra absolutamente insuperável na coragem,

ATO II

invencível nos feitos e incomparável na beleza! Não é à-toa que todas as mulheres são loucas pelo senhor. Mas quem consegue resistir a uma beleza como a sua? Como, por exemplo, aquelas duas que ontem me agarraram pelo manto...

PIRGOPOLINICES - E o que foi que elas disseram?

ARTOTROGO - Me encheram de perguntas. Uma me pergun-tou: "Aquele lá não é o Aquiles?" "Não", eu respondi, "é o ir-mão dele!" E a outra: "Pelos deuses, como é lindo! Olha só que porte, que cabelos! Ah, como são felizes as mulheres que têm o privilégio de ir pra cama com ele!"

PIRGOPOLINICES - É verdade? Elas disseram isso?

ARTOTROGO - Pois as duas até me suplicaram que eu te levasse à casa delas, te carregando num andor, como se o senhor fosse um deus!

PIRGOPOLINICES - Aiai, ser bonito demais é uma desgraça para um homem!

ARTOTROGO - Eu que o diga, senhor. As mulheres, por sua causa, não me dão sossego. Vivem me pedindo, rogando, suplicando pra vê-lo. Chegam até a me implorar que eu te leve à casa delas. Desse jeito, nem me sobra tempo pra cuidar dos seus interesses.

PIRGOPOLINICES - Ah, por falar nisso, é hora de irmos até a praça, pagar uns mercenários que contratei ontem para o rei Seleuco. Seleuco insistiu comigo pra que eu recrutasse alguns soldados pra ele. Não custa nada fazer mais este favorzinho para o rei...

ARTOTROGO - Pois então vamos.

PIRGOPOLINICES - Ordinário, marche!

(saem os dois, marchando.)

PALESTRIÃO - *(saíndo da casa do soldado e dirigindo-se ao público)* Esse soldado que acaba de sair daqui, esse falastrão, mentiroso, papudo, safado, sem-vergonha, enfim, esse monte de esterco é meu dono. Mas não faz muito tempo que sou escravo na casa dele, não. Vou contar pra vocês como foi que eu vim parar nas mãos dele aqui em Éfeso. Prestem atenção! Eu vou dizer o argumento desta comédia. Eu era escravo de um excelente rapaz, lá em Atenas. Esse meu dono andava de amores com uma moça também de lá e a coisa ia muito bem, porque um gostava do outro e o outro gostava do um. Acontece, porém, que um certo dia ele foi mandado a Naupacto, em missão oficial, pra tratar de um importante negócio de Estado. E foi justamente nessa ocasião que esse tal soldado chegou em Atenas. Ele logo se interessou pela garota do meu dono e aí começou a paparicar a mãe dela com bons vinhos, boas comidas, presentinhos, até que acabou por se tornar íntimo na casa da velha. Ai, na primeira oportunidade que teve, enganou a velha rufiã e, sem que ela soubesse, botou a filha num navio e trouxe a moça à força aqui pra Éfeso. Eu, quando soube do seqüestro, tomei o mais rápido que pude um navio pra Naupacto, pra contar ao meu dono o que tinha acontecido. Mas quem é que pode com a vontade dos deuses? No meio da viagem, fomos atacados por piratas e o meu plano de encontrar meu amo foi por água abaixo. O pirata que me capturou me deu de presente a esse soldado, que me trouxe pra casa dele. Assim que cheguei, dou de cara, adivinhem com quem? Exatamente: com a garota do meu dono, o de Atenas. Mas ela, logo que me viu, já me fez um sinal pra eu não falar nada. E só mais tarde desabafou comigo, dizendo que não agüenta mais, que quer ir embora dali, que a única pessoa que ela ama é meu patrão, o de Atenas, e que não existe no mundo

ninguém que ela odeie mais do que esse soldado. Sabendo disso, peguei uma tabuinha e, escondido, escrevi uma carta e dei prum mercador levar pro meu dono, o de Atenas, dizendo pra ele vir imediatamente pra cá. Ele não pensou duas vezes: veio imediatamente e se hospedou, aqui nesta casa, que é de um velho muito legal, amigo do pai dele, e que faz de tudo pra ajudar seu jovem hóspede em seus amores. Aí então nós inventamos um belo artifício de fazer os dois pombinhos se encontrarem: o quarto que o soldado destinou pra moça, onde só ela tem direito de pôr os pés, faz parede-meia com a casa do velho. Então eu peguei e fiz um buraco na parede, de modo que ela pode passar de lá pra cá e daqui pra lá, sem ser vista. Isso eu fiz com o conhecimento do velho; aliás, diga-se de passagem, foi ele mesmo quem deu a idéia... Mas olhem ele ali, saindo de casa. Aquele é o velho legal de quem eu falei.

PERIPLECTÔMENO - *(saindo de sua casa e falando para dentro dela, em tom irado)* Se da próxima vez vocês não quebrarem as pernas de qualquer estranho que virem em cima do telhado, eu vou deixar o lombo de vocês em carne viva! Essa é boa, agora! Quer dizer então que os vizinhos já podem subir no meu telhado, olhar pelo implúvio e testemunhar tudo o que se passa dentro de minha casa? Ouçam bem o que estou dizendo: tirando o Palestrião, qualquer um da casa do soldado que vocês virem no meu telhado, tratem de jogar o salafrário lá de cima de cabeça pra baixo aqui pro meio da rua. Não importa que ele diga que tá atrás de uma galinha, de uma pomba ou de uma macaca! Eu arrebento vocês, se vocês não arrebentarem o sujeiro de pancada, se não quebrarem todos os ossos que ele tem no corpo...

PALESTRIÃO - *(à parte)* Caramba! O velho tá uma fera! Peio visto, aprontaram alguma com ele. Vou lá saber o que é. *(dirigindo-se ao velho)* Ei, sr. Periplectômene, que aconteceu?

PERIPLECTÔMENO - Ah, Palestrião! Que bom te encontrar! Eu estava mesmo querendo te ver.

PALESTRIÃO - Mas o que foi? O senhor parece que tá bravo!

PERIPLECTÔMENO - Estamos ferrados!

PALESTRIÃO - Ferrados por quê?

PERIPLECTÔMENO - A coisa... veio a furo.

PALESTRIÃO - Que coisa?

PERIPLECTÔMENO - Alguém aí da casa de vocês subiu no meu telhado e viu Filocomásia e o meu hóspede se beijando.

PALESTRIÃO - Não brinca? Mas quem foi que viu?

PERIPLECTÔMENO - Um dos seus colegas.

PALESTRIÃO - Qual deles?

PERIPLECTÔMENO - Não sei. O safado de repente sumiu...

PALESTRIÃO - Ah, eu desconfio... que tô ferrado.

PERIPLECTÔMENO - Eu ainda gritei: "Ei, o que é que você tá fazendo aí em cima do telhado?" E ele, sem parar, me respondeu que tava atrás de uma macaca.

PALESTRIÃO - Ai, desgraçado de mim, que vou me danar por causa desse bicho vagabundo! Mas e a Filocomásia? Ainda está em sua casa?

PERIPLECTÔMENO - Quando eu saí, estava.

PALESTRIÃO - Então fala pra ela passar bem depressa pro outro lado, pra que os criados a vejam em casa. A não ser que ela, por causa de seus amores, queira ver a gente trepando de costas... na cruz.

PERIPLECTÔMENO - Isso eu já falei.

PALESTRIÃO - Ah, e diz também pra ela não se esquecer de que sexo ela é: que ponha pra funcionar todas as suas qualidades de mulher.

PERIPLECTÔMENO - Como assim?

PALESTRIÃO - Ora, a lábia, a esperteza, a falsidade, a malícia, a ousadia, a astúcia, a capacidade de jurar falso, a cara de pau, o fingimento, tudo o que as mulheres têm em estoque pra essas ocasiões. O negócio é que ela tem que convencer quem viu de que não viu o que viu.

PERIPLECTÔMENO - Pode deixar que eu digo tudo isso a ela, se ainda estiver em minha casa. (*vendo Palestrião pensativo*) Mas o que é que você está caraminholando aí, Palestrião?

PALESTRIÃO - Espere um pouquinho. Tô convocando minhas idéias para uma reunião aqui na minha cabeça. Preciso bolar um plano, encontrar um jeito de enrolar o camarada que viu os dois se beijando.

PERIPLECTÔMENO - Vai procurando, que eu espero aqui. (*Periplectômene se afasta um pouco e passa a narrar as atitudes de Palestrião*) Olhem pra ele, por favor: ele está parado, de pé, com a testa enrugada, preocupado, pensando. Agora ele bate no peito com os dedos: parece que tá chamando o coração aqui pra fora. Agora ele se vira de lado; apóia a mão esquerda na coxa esquerda e faz conta com os dedos da direita. Agora ele dá um tapa na coxa direita. Cacete! Que porrada! Por enquanto, idéia que é bom, nada. Agora ele estalou os dedos; está elaborando, muda de posição... e balança a cabeça negativamente; pelo jeito, não gostou do que achou. Agora ele está construindo: faz uma coluna embaixo de seu queixo. Erecto, de pé, altivo, um verdadeiro escravo de comédia. só que parece que ele dormiu em pé! Ei, Palestrião! Acorda! Já é dia claro! Vamos, acorda! Os inimigos já estão nos atacando, precisamos derrotá-los!

PALESTRIÃO - (*Acordando*) Deixa comigo.

PERIPLECTÔMENO - Pensou nalguma coisa?

PALESTRIÃO - Pensei.

PERIPLECTÔMENO - Então me diga.

PALESTRIÃO - Calma, que eu vou te pôr a par de meu estratagema. Veja bem: esse meu patrão, o soldado, é uma besta quadrada. É mais burro do que uma porta.

PERIPLECTÔMENO - Isso eu sei.

PALESTRIÃO - Meu plano é o seguinte: vou dizer a ele que acaba de chegar de Atenas uma irmã gêmea de Filocomásia, com o namorado dela, e que os dois estão hospedados aí na sua casa.

PERIPLECTÔMENO - Bravo! Muito bem! A idéia é genial!

PALESTRIÃO - Ai, se o meu colega contar pro soldado que viu ela beijando um estranho, eu vou dizer que era a outra com o namorado.

PERIPLECTÔMENO - Perfeito! E se o soldado me perguntar, eu digo a mesma coisa.

PALESTRIÃO - Mas não vá esquecer de dizer que as duas são iguaizinhas. Ah, e Filocomásia também tem que saber do nosso plano, pra não dar mancada, se o soldado interrogar ela.

PERIPLECTÔMENO - O plano é realmente supimpa. Mas... e se o soldado quiser ver as duas ao mesmo tempo?

PALESTRIÃO - Simples: podemos arranjar trezentas desculpas: não tá em casa, foi dar uma volta, tá dormindo, tá se arrumando, tá tomando banho, tá almoçando, tá bebendo, tá ocupada, não tem tempo, não pode... Enfim, o que vier na cabeça. O importante é fazer o soldado acreditar nessa história.

PERIPLECTÔMENO - Gostei. Vai dar certo.

PALESTRIÃO - Então entra e põe ela a par de tudo. Depois, fala pra ela passar pra casa do soldado.

PERIPLECTÔMENO - Pode deixar comigo. Mais alguma coisa?

PALESTRIÃO - Por enquanto é só.

PERIPLECTÔMENO - Então tô indo. *(entra em sua casa)*

PALESTRIÃO - *(só)* Bem, agora é tratar de descobrir qual dos meus colegas andou perseguindo uma macaca hoje. Com certeza ele já deu com a língua nos dentes, porque eu conheço bem esses tipos: não conseguem guardar só pra si o que sabem.

CÉLEDRO - *(saindo da casa do soldado e sem ver Palestrião)*
Se não foi um sonho que eu tive, tenho certeza de que vi a Filocomásia ali na casa do vizinho procurando sarna pra se coçar.

PALESTRIÃO - *(para o público)* Já descobri quem foi.

CÉLEDRO - Quem tá aí?

PALESTRIÃO - Um colega seu. Como vai, Céledro?

CÉLEDRO - Oh, Palestrião, que prazer te encontrar.

PALESTRIÃO - O prazer é todo seu. Algum problema?

CÉLEDRO - Medo...

PALESTRIÃO - Medo? Medo de quê?

CÉLEDRO - ...de que hoje todos nós acabemos dando uns saltos mortais até a cruz!

PALESTRIÃO - Eu, hein? Salte você sozinho! Eu não sou muito ligado nessas acrobacias, não.

CÉLEDRO - Por acaso, você não tá sabendo da novidade?

PALESTRIÃO - Que novidade?

CÉLEDRO - Uma pouca-vergonha.

PALESTRIÃO - Ah, é? Então me deixe fora disso.

CÉLEDRO - Mas não deixo mesmo! Você vai saber. Eu tava hoje perseguindo a nossa macaca no telhado do vizinho...

PALESTRIÃO - Mas que coisa, Céledro! Uma besta perseguindo outra!

CÉLEDRO - Ah, vá se danar!

PALESTRIÃO - Você também... já que começou, agora fala.

CÉLEDRO - Ai, por um acaso do acaso, sem querer, eu dei uma espiadinha pelo implúvio na casa do vizinho. Adivinha o que eu vi lá dentro? Filocomásia beijando um sujeito que eu não sei quem é.

PALESTRIÃO - Não me diga, Céledro? Tem certeza?

CÉLEDRO - Absoluta!

PALESTRIÃO - Mas você viu mesmo?

CÉLEDRO - Vi, com estes meus dois olhos aqui.

PALESTRIÃO - Ora, vá saindo. Deixa de ser mentiroso. Você viu coisa nenhuma!

CÉLEDRO - Por acaso você tá achando que não enxergo bem?

PALESTRIÃO - Isso quem pode te dizer é o oculista. Mas se você quer mesmo que os deuses te favoreçam, então trate de não ficar espalhando essa história por aí. Porque de um jeito ou de outro você vai acabar se ferrando.

CÉLEDRO - Como assim, de um jeito ou de outro?

PALESTRIÃO - Eu vou explicar: se for mentira, você tá ferrado, porque tá levantando uma calúnia contra a Filocomásia. Agora, se for verdade, você tá ferrado do mesmo jeito, porque quem toma conta dela é você.

CÉLEDRO - O que vai acontecer comigo, eu não sei. Mas que eu vi, eu vi; disso eu tenho certeza.

PALESTRIÃO - Você ainda insiste, sua besta!

CÉLEDRO - O que é que você quer que eu diga? Que eu não vi, se eu vi? E tem mais: (*apontando para a casa de Periplectômeno*) ela ainda tá lá dentro, na casa do vizinho.

PALESTRIÃO - O quê? Você tá querendo me dizer que ela não tá em nossa casa?

CÉLEDRO - Olha aqui! Se você não quiser acreditar, não precisa: vai ver você mesmo.

PALESTRIÃO - Pois é o que eu vou fazer. (*entra na casa do soldado*)

CÉLEDRO - (*dirigindo-se para a porta de Periplectômeno*) E eu vou ficar aqui de olho. Mais cedo ou mais tarde, essa cabritinha vai ter que sair daí de dentro. (*breve pausa*) E agora? O que é que eu faço? Se eu denuncio ela, eu me ferro, se não falo nada e o soldado descobre, me ferro também. Será que existe alguma coisa pior ou mais sem vergonha do que a mulher? Foi o tempo de eu subir no telhado, e ela já deu um jeito de se mandar do quarto. Aiai! Mulher é fogo mesmo! É fogo de morro acima: quando quer dar, ninguém segura!

PALESTRIÃO - (*saindo da casa do soldado*) Céledro, Céledro, será que existe no mundo um sujeito mais ordinário do que você? Mais safado, mais odiado pelos deuses?

CÉLEDRO - O que foi?

PALESTRIÃO - Por que você não manda furar esses teus olhos que enxergam o que não existe?

CÉLEDRO - Como? O que não existe?

PALESTRIÃO - Pois eu não daria uma noz bichada pela tua vida.

CÉLEDRO - Mas o que foi que houve?

PALESTRIÃO - E você ainda pergunta?

CÉLEDRO - Pergunto, ué.

PALESTRIÃO - Você devia era mandar arrancar essa sua língua linguaruda!

CÉLEDRO - Mas por quê?

PALESTRIÃO - Filocomàsia, que você diz ter visto beijando e abraçando um outro aí no vizinho, tá em nossa casa.

CÉLEDRO - É de admirar que você continue a comer joio quando o trigo tá tão barato.

PALESTRIÃO - Ué, por que você acha que eu como joio?

CÉLEDRO - Porque o joio faz mal pra vista e você não tá enxergando direito.

PALESTRIÃO - E você, seu saco de pancadas, você tá é completamente cego. Pois eu te digo que ela está em nossa casa.

CÉLEDRO - O quê? Em nossa casa?

PALESTRIÃO - Em nossa casa, sim!

CÉLEDRO - Vá saindo, Palestrião, você tá brincando comigo.

PALESTRIÃO - Por acaso eu tô com as minhas mãos sujas?

CÉLEDRO - Por quê?

PALESTRIÃO - Você tá dizendo que tô brincando com merda!

CÉLEDRO - Vá se danar!

PALESTRIÃO - Quem vai se danar é você, Céledro, se não parar de enxergar mais do precisa.

CÉLEDRO - Eu vou, sim, mas é tomar conta dessa porta aqui. Por aqui ela não escapa e é o único caminho por onde ela pode passar.

PALESTRIÃO - Mas ela tá em nossa casa. Deixa de ser besta, ô besta!

CÉLEDRO - Pois eu vejo com os meus olhos, penso com a minha cabeça e é só acredito em mim. Ninguém vai me convencer de que ela não tá aí dentro. Pois daqui eu não saio e dali ela não escapa sem eu ver.

PALESTRIÃO - (*à parte*) Esse já tá no papo, coitado. (*alto*) Céledro, você quer que eu te dê uma prova de que você tá vendo coisas?

CÉLEDRO - (*sem tirar o olho da porta*) Você que sabe.

PALESTRIÃO - Pois bem. Você tá dizendo que a garota do patrão tá aí dentro dessa casa, não é verdade?

CÉLEDRO - É, e que vi ela beijando um desconhecido, ainda por cima.

PALESTRIÃO - E você sabe que não tem nenhum jeito de passar dessa casa pra nossa, a não ser pela porta da frente, certo?

CÉLEDRO - Certo.

PALESTRIÃO - Então me diga: se ela estiver em nossa casa, quer dizer, se eu fizer com que você veja ela sair dali, da nossa casa, você merece ou não uma surra daquelas?

CÉLEDRO - Mereço.

PALESTRIÃO - Então fique de olho nessa porta, pra não deixar ela sair por aí.

CÉLEDRO - Pode deixar comigo.

PALESTRIÃO - Já já estarei com ela aqui, diante do seu nariz. (*entra na casa do soldado*)

CÉLEDRO - Isso é o que eu quero ver. Será o benedito que eu não vi o que eu vi? O que ele tá querendo é defender ela porque é o queridinho dela. Vive bajulando ela. Por isso é sempre o primeiro a ser chamado na hora da comida e o primeiro prato é sempre dele. Não faz nem três anos que tá aqui e não tem

um criado que seja tão bem tratado como ele. Mas deixa eu ficar de olho e vigiar bem essa porta aqui. (*planta-se diante da porta, com os braços abertos*) Por aqui é que eles não vão me enganar, de jeito nenhum.

PALESTRIÃO - (*voltando com Filocomásia. Céledro permanece de frente para a porta de Periplectômeno, de braços abertos. Baixo, para Filocomásia*) Você entendeu bem tudo o que tem que fazer? (*Filocomásia faz que sim*) Então, espere um pouco aqui. (*alto*) E aí, Céledro?

CÉLEDRO - (*sem se voltar*) Estou cumprindo minha obrigação. Mas tenho ouvidos: pode falar.

PALESTRIÃO - Acho que é exatamente nessa posição que você vai morrer. Pregado numa cruz.

CÉLEDRO - Morrer por quê?

PALESTRIÃO - Dá só uma olhadinha pra trás. Quem é aquela mulher?

CÉLEDRO - (*olhando e se assustando*) Deuses do Céu! É a garota do patrão!

PALESTRIÃO - Realmente, a mim também me parece que é ela. Agora, quando você estiver pronto, é só dizer.

CÉLEDRO - Pronto pra quê?

PALESTRIÃO - Pra morrer, ué.

FILOCOMÁSIA - Onde está esse bom escravo que me caluniou, que me acusou injustamente de falta tão grave?

PALESTRIÃO - (*apontando para Céledro*) Tá aqui: foi ele que me disse o que eu disse pra você.

FILOCOMÁSIA - Então você, seu descarado, teve a coragem de afirmar que me viu aos beijos aí na casa do vizinho?

PALESTRIÃO - E ainda por cima, disse que era com um rapaz desconhecido.

CÉLEDRO - E eu disse mesmo.

FILOCOMÁSIA - Você me viu?

CÉLEDRO - Com estes olhos que a terra...

FILOCOMÁSIA - Pois você vai é ficar sem eles, por verem mais do que devem!

CÉLEDRO - Nunca jamais ninguém vai me convencer de não ter visto o que vi.

FILOCOMÁSIA - Ah, eu sou mesmo uma tola, uma idiota, por perder tempo falando com esse maluco aí, que vai vai pagar com a vida essa calúnia, ah, se vai!

CÉLEDRO - Não precisa ameaçar não. Eu sei muito bem que a cruz vai ser a minha tumba: nela já repousam todos os meus antepassados, meu pai, meu avô, meu bisavô, meu tataravô. Não são as suas ameaças que vão me arrancar os olhos não. Mas, Palestrião, vem cá um pouco. De onde foi que saiu essa mulher?

PALESTRIÃO - Ora, de onde... de nossa casa.

CÉLEDRO - De nossa casa?

PALESTRIÃO - Você não tá me vendo?

CÉLEDRO - Tô. Mas é muito estranho!... Como foi que ela conseguiu passar de uma casa pra outra? Em nossa casa não tem terraço, nem jardim, as janelas têm grade... E eu tenho certeza de que vi ela ali dentro.

PALESTRIÃO - Você insiste, seu celerado, em continuar acusando ela?

FILOCOMÁSIA - (*simulando uma lembrança súbita*) Oh, por Castor! Quer dizer então que não era falso o sonho que tive esta noite!

PALESTRIÃO - Sonho? Que sonho?

FILOCOMÁSIA - Esta noite eu sonhei que a minha irmã gêmea tinha vindo de Atenas para Éfeso, com o namorado dela. E que os dois estavam hospedados aí, na casa do vizinho.

PALESTRIÃO - (*para o público*) Esse sonho é do Palestrião aqui.

FILOCOMÁSIA - E eu tava muito feliz de rever a minha irmã... mas aí, por causa dela, no meu sonho, eu era acusada injustamente por um dos meus criados, do jeitinho que você tá fazendo agora: ele me acusava de ter beijado um desconhecido, quando era a minha irmã que estava beijando o próprio namorado.

PALESTRIÃO - Mas então tá tudo acontecendo como no sonho! Por hércules! Um sonho que se torna realidade! (*para Filocomásia*) É melhor você entrar e fazer suas preces. E eu acho que você deve contar tudo ao soldado.

FILOCOMÁSIA - E vou mesmo. Não vou admitir de jeito nenhum que me caluniem impunemente. (*entra na casa do soldado*)

CÉLEDRO - Acho que fiz besteira. Já tô sentindo até uma comichão nas costas.

PALESTRIÃO - Você sabe que... se ferrou!

CÉLEDRO - Bem, mas agora eu tenho certeza de que ela tá em nossa casa. Então eu vou ficar de olho em nossa porta, esteja ela onde estiver.

PALESTRIÃO - Mas me diga uma coisa, Céledro: você acredita nessa história de sonho virar realidade?

CÉLEDRO - Pra falar a verdade, já não sei nem se acredito em mim mesmo. O que eu acho que eu vi, eu já começo a desconfiar que não vi, quer dizer, eu não vi, apesar de ter visto.

PALESTRIÃO - O fato é que você, com essa sua estupidez, quase ferrou todo mundo. É nisso que dá querer ser puxa-saco do patrão...

FILOCOMÁSIA - *(saindo da casa de Periplectômeno e falando para dentro)* Acenda o fogo no altar para que eu possa render graça à Diana de Éfeso, por ela ter me protegido em minha viagem pelos reinos de Netuno.

CÉLEDRO - *(assombrado)* Palestrião, ó Palestrião!

PALESTRIÃO - Céledro, ó Céledro, o que foi?

CÉLEDRO - Olha lá aquela mulher! Não é a Filocomásia, a amante do patrão?

PALESTRIÃO - *(olhando)* Minha nossa! É ela mesmo! Mas como é que ela passou de uma casa pra outra? Será que é ela?

CÉLEDRO - E você tem dúvida?

PALESTRIÃO - Eu acho que é.

CÉLEDRO - Eu vou lá falar com ela. Ei, Filocomásia, que é que você foi cheirar aí nessa casa, hein? Vamos, me responda: tô falando com você.

PALESTRIÃO - Pelo jeito você tá é falando com você mesmo, Céledro. A sujeita aí não te dá a menor bola.

CÉLEDRO - *(aproximando-se mais de Filocomásia)* Escuta aqui, sua vaca, sua galinha! Que é que você tá vagabundeando aí na casa do vizinho?

FILOCOMÁSIA - Com quem você tá falando?

CÉLEDRO - Ora, com quem! Com você, é claro.

FILOCOMÁSIA - E quem é você pra me dirigir a palavra desse modo?

CÉLEDRO - Essa é boa! E ainda pergunta quem eu sou.

FILOCOMÁSIA - Claro que pergunto. Eu não sei.

PALESTRIÃO - Ei, e eu? Você também não sabe quem sou eu?

FILOCOMÁSIA - Um outro chato, como ele.

CÉLEDRO - Quer dizer então que você não conhece nenhum de nós dois?

FILOCOMÁSIA - Nem um nem outro.

CÉLEDRO - *(para Palestrião)* Palestrião, eu tô com um medo desgraçado...

PALESTRIÃO - Medo de quê?

CÉLEDRO - De que a gente se perdeu por aí nalgum lugar...

PALESTRIÃO - Espera um pouco. Eu já vou descobrir se nós somos nós mesmos ou se somos outros. Será que algum vizinho fez alguma magia e transformou a gente, sem a gente saber?

CÉLEDRO - *(apalpando-se)* Não, não. Eu sou eu mesmo, tenho certeza.

PALESTRIÃO - Eu também. Ei, moça, você vai acabar se dando mal, hein! *(Filocomásia permanece indiferente)* Ei, é com você que estou falando! Ei, Filocomásia!

FILOCOMÁSIA - Mas o que foi que te deu pra você ficar me chamando por outro nome, que não é o meu, hein?

PALESTRIÃO - Ué, e como é que você se chama?

FILOCOMÁSIA - Meu nome é Fidélia.

CÉLEDRO - Fidélia? Essa não, você inventou um nome muito falso pra você, Filocomásia. Fidélia é o que você não é mesmo. Você devia se chamar Cornélia, pois está corneando o meu dono.

FILOCOMÁSIA - Eu?

CÉLEDRO - Você, sim, senhora.

FILOCOMÁSIA - Mas como, se eu cheguei ontem de Atenas!?

CÉLEDRO - Ah, é? E o que é que você veio fazer em Éfeso?

FILOCOMÁSIA - É que eu soube que a minha irmã gêmea tá morando aqui. E eu vim procurá-la.

CÉLEDRO - Mas você é mesmo uma safada de marca maior!

FILOCOMÁSIA - Tonta é o que eu sou, dando confiança a vocês. Querem saber? Eu vou embora.

CÉLEDRO - *(segurando-a por um braço)* Vai coisa nenhuma!

FILOCOMÁSIA - Me solta!

CÉLEDRO - Você foi pega em flagrante. Não solto!

FILOCOMÁSIA - *(dando-lhe algumas bofetadas)* Me solta, me solta, seu miserável!

CÉLEDRO - *(a Palestrião)* Ô seu desgraçado, você não vai me ajudar? Agarre ela pelo outro lado!

PALESTRIÃO - Eu, hein! Vou lá querer arranjar encrenca pras minhas costas! Sei lá se essa aí é a Filocomásia mesmo ou outra parecida com ela?

FILOCOMÁSIA - Vai me soltar ou não vai?

CÉLEDRO - De jeito nenhum. Você vai é pra casa por bem ou por mal.

FILOCOMÁSIA - Mas essa aí não é a minha casa. Eu moro em Atenas e estou hospedada nessa casa aqui!

CÉLEDRO - Escuta aqui: eu te largo, mas você tem que me dar sua palavra que vai entrar nessa casa aqui. *(aponta para a casa do soldado)*

FILOCOMÁSIA - Já que você me obriga, eu dou minha palavra que vou entrar onde você tá mandando.

CÉLEDRO - *(soltando)* Então eu te solto.

FILOCOMÁSIA - *(correndo para a casa de Periplectômeno)* E eu caio fora.

CÉLEDRO - Bem que a minha mãe me dizia pra não confiar em mulher.

PALESTRIÃO - Céledro, sua mula, a amante do patrão escapou! E agora? Olha: corre lá dentro e me traz uma espada.

CÉLEDRO - Uma espada pra quê?

PALESTRIÃO - Eu vou invadir essa casa aí e o primeiro que eu encontrar beijando a Filocomásia, eu racho no meio.

CÉLEDRO - Você acha que era ela mesmo?

PALESTRIÃO - Mas é claro que era!

CÉLEDRO - Puxa, como ela fingia bem!

PALESTRIÃO - Corre, vai buscar a espada!

CÉLEDRO - Tô indo. *(entra na casa do soldado)*

PALESTRIÃO - Não existe no mundo nenhum soldado, seja cavaleiro ou peão, que seja capaz de agir com tanta audácia, com tanto sangue-frio como a mulher. Como ela conseguiu enrolar direitinho o meu camarada! Aquela passagem na parede é mesmo uma festa!

CÉLEDRO - *(voltando)* Eh, Palestrião, não precisa mais da espada.

PALESTRIÃO - Por quê?

CÉLEDRO - A garota do patrão tá lá dentro, em nossa casa.

PALESTRIÃO - Como? Em nossa casa?

CÉLEDRO - Deitada na cama.

PALESTRIÃO - Não brinca, rapaz! Então desta vez você se ferrou mesmo!

CÉLEDRO - Por quê?

PALESTRIÃO - Porque se atreveu a pôr as mãos naquela moça, ali da casa do vizinho.

CÉLEDRO - Ih, agora, sim que eu tô com um medo desgraçado!

PALESTRIÃO - Então aquela deve ser a irmã gêmea da outra. E foi ela que você viu beijando.

CÉLEDRO - É isso mesmo. Ainda bem que eu não falei nada pro patrão.

PALESTRIÃO - E se você não quiser bancar o besta, vai ficar de bico fechado. Um escravo sempre deve saber mais e falar menos. E eu, eu vou é tratar de cair fora. Eu é que não vou me envolver nos seus rolos. Olha: se o patrão perguntar por mim, é só me chamar. Eu tô aqui na casa do vizinho. *(entra na casa de Periplectômene)*

CÉLEDRO - *(sozinho)* Mas olha só que sujeltinho folgado é esse aí! Fica se enfiando na casa do vizinho, em vez de cuidar dos interesses do patrão! *(pausa curta)* Bem, mas agora eu vou ficar de olho nesta porta aqui. Agora eu tenho certeza de que ela está aí dentro, que eu vi. *(Céledro fica olhando a porta da casa do soldado)*

PERIPLECTÔMENO - *(saindo de sua casa)* Esses escravos do soldado tão pensando que eu sou o quê? Uma mutherzinha, pra me desafeitar desse modo?

CÉLEDRO - Aiaiai! Lá vem o velho! Tô ferrado!

PERIPLECTÔMENO - Céledro, seu celerado! Então foi você que desrespeitou a minha hóspede aqui na frente de minha casa!?

CÉLEDRO - Por favor, senhor, me escuta...

PERIPLECTÔMENO - Eu? Escutar você?

CÉLEDRO - Eu posso me explicar...

PERIPLECTÔMENO - Explicar o quê, depois de ter comido uma vileza como essa? Você tá pensando que só porque é escravo de um militar pode fazer o que bem entende, seu safado?

CÉLEDRO - Senhor, por favor...

PERIPLECTÔMENO - Ah, que todos os deuses e deusas me desgraçam a vida, se eu não te der uma surra de varas no lombo, de manhã até a noite, sem parar, primeiro, por ter me quebrado as telhas do telhado, segundo, por ter espionado o meu hóspede beijando a namorada dele, terceiro, por ter tido o atrevimento de acusar injustamente a amante do seu dono, que é uma moça muito direita, e por último, por ter destrutado a minha hóspede aqui diante de minha casa!

CÉLEDRO - Mas, sr. Periplectômene, sinceramente não sei o que dizer... Se essa não é aquela e se aquela não é essa, eu peço desculpa... mas as duas são tão parecidas... se é que não são a mesma pessoa!

PERIPLECTÔMENO - Tá duvidando? Pois vá ver lá dentro de minha casa.

CÉLEDRO - O senhor permite?

PERIPLECTÔMENO - Eu estou mandando! Vai!

CÉLEDRO - *(entrando na casa do velho)* Com licença.

PERIPLECTÔMENO - *(para dentro da casa do soldado)* Ei, Filocomásia! Corre pra minha casa. E depois que o Céledro sair, passa de novo para sua. *(para o público)* Espero que ela não se atrapalhe. Se o cara não a encontrar...

CÉLEDRO - *(voltando)* Pelos deuses imortais! Não é possível ser tão igualzinha assim e não ser a mesma!

PERIPLECTÔMENO - E aí?

CÉLEDRO - Mereço apanhar.

PERIPLECTÔMENO - E então? É a de vocês?

CÉLEDRO - Olha, embora seja ela, não é ela, quer dizer, não sei.

PERIPLECTÔMENO - Bem, se você ainda tem dúvida, entra na casa de vocês e veja se a de vocês não tá lá dentro.

CÉLEDRO - Boa idéia! Com licença. Já-já volto. *(entra na casa do soldado)*

PERIPLECTÔMENO - Nunca vi ninguém ser engabelado com tanta facilidade...

CÉLEDRO - *(voltando)* Sr. Periplectômene, eu te imploro, pelos deuses e pelos homens, e pela minha estupidez e *(abraçando-lhe os joelhos)* também pelos teus joelhos...

PERIPLECTÔMENO - O que é que você me implora?

CÉLEDRO - Perdão, senhor, perdão para a minha ignorância e estupidez! Eu sou mesmo uma besta, um burro, um cego, um desmiolado! De fato, Filocomásia tá aí dentro.

PERIPLECTÔMENO - E então, seu condenado? Você viu as duas?

CÉLEDRO - Vi.

PERIPLECTÔMENO - Vai chamar o seu patrão.

CÉLEDRO - Reconheço, senhor, que mereço levar a maior surra da minha vida por ter destratado a sua hóspede. Mas juro que eu pensei que fosse a amante do patrão, que eu tinha que vigiar. As duas são idênticas, senhor. Por isso, quando eu vi seu hóspede beijando a namorada dele, eu pensei que fosse a Filocomásia.

PERIPLECTÔMENO - Então pra você eu não passo de um homem vil e ordinário, capaz de permitir que, em minha casa, com o meu conhecimento, se faça uma ofensa tão grave a um vizinho meu?

CÉLEDRO - Ah, senhor, só agora eu percebo a burrada que eu fiz. Mas, juro, eu não fiz por mal.

PERIPLECTÔMENO - O que você fez foi uma indignidade. Um escravo tem que saber controlar seus olhos, suas mãos e sua língua.

CÉLEDRO - Mas eu prometo que se de hoje em diante eu abrir o bico, mesmo se eu tiver certeza, o senhor pode mandar me torturar. Eu mesmo me entrego ao senhor. Mas, por esta vez, me perdoe, por favor.

PERIPLECTÔMENO - Tá bem. Vou fazer um esforço pra acreditar que você não fez por mal. Desta vez, eu te perdôo.

CÉLEDRO - Ah, senhor, que os deuses lhe paguem!

PERIPLECTÔMENO - Mas olha aqui! Se você quer que os deuses te amem, trate de pôr um freio nessa língua, de não saber o que sabe e de não ter visto o que viu!

CÉLEDRO - É um bom conselho, senhor: é o que eu vou realmente fazer de agora em diante.

PERIPLECTÔMENO - Pode ir.

CÉLEDRO - O senhor deseja mais alguma coisa?

PERIPLECTÔMENO - Sim, que dê o fora daqui! E vê se finge que não me conhece! *(Céledro entra na casa do soldado)* Bem, esse idiota aí já tá fora de combate. Não representa mais nenhum perigo para nós. Agora eu vou ter com Palestrião, que está em minha casa. É hora de bolar a segunda parte do plano. *(entra em sua casa.)*

ATO III

PALESTRIÃO - *(saindo da casa de Periplectômene)* Esperem um pouquinho aí dentro. Primeiro, deixa eu dar uma verificada no ambiente, pra ver se não tem nenhum safado querendo espionar o nosso plano. Porque, os melhores planos são os piores, se o inimigo deles se aproveita. *(caminha pelo palco, examinando o ambiente; vai até o proscênio e observa também a platéia. Em seguida, chama)* Ei, Sr. Periplectômene! Sr. Plêusicles! Podem vir! O caminho tá livre.

PLÊUSICLES - *(saindo de casa, junto com Periplectômene)* Eu ainda acho que seria melhor a gente combinar tudo lá dentro.

PALESTRIÃO - Mas e o público? O público também precisa saber.

PLÊUSICLES - Tá certo. Só que tem uma coisa que tá me atormentando a alma.

PERIPLECTÔMENO - O que é, meu rapaz?

PLÊUSICLES - Envolver o senhor, um homem de idade, nessas minhas loucuras de jovem. Sabe, eu fico com vergonha de criar pro senhor essas preocupações, que as pessoas de sua idade costumam mais evitar do que procurar.

PERIPLECTÔMENO - Mas que espécie de apaixonado é você? Onde já se viu um jovem de sua idade ter vergonha de alguma coisa? Assim, você não tá parecendo um namorado de verdade; tá parecendo mais um espectro de namorado...

PLÊUSICLES - É, mas não deixa de ser chato causar tanto transtorno à sua velhice.

PERIPLECTÔMENO - Mas o que é que você tá pensando? Que eu já tô com o pé na cova? Eu não tenho mais do que cinquenta

e quatro anos, meu rapaz. Enxergo bem, tenho as pernas firmes, as mãos, ligeiras, e tudo o mais funcionando regularmente.

PLÊUSICLES - Concordo. Mas ainda tem uma outra coisa que me afflige: é estar causando ao senhor toda essa despesa.

PERIPLECTÔMENO - Ora, deixa de ser babaca. O dinheiro só é mal gasto com esposa ruim ou com inimigo. O que se gasta com um bom amigo é lucro. Graças aos bons deuses, dinheiro não é problema para mim. Pode comer, beber e ficar à vontade. Em minha casa se goza de total liberdade. Graças aos bons deuses, não me casei. Não tenho, portanto, nenhuma sujeita latindo nos meus calcanhares.

PLÊUSICLES - Mas tem os criados, senhor. Se o hóspede demora muito pra ir embora, mesmo que o dono da casa aguarde numa boa, os criados sempre resmungam.

PERIPLECTÔMENO - Meus criados, caro hóspede, foram treinados pra servir, não pra reclamar. Quem dá as ordens aqui sou eu. Eles que tratem de fazer o que quero por bem, porque se não, terão que fazer por mal e apanhando ainda por cima.

PLÊUSICLES - Bem, de qualquer modo, evite gastar muito comigo. Eu me contento com pouco.

PERIPLECTÔMENO - Que conversa mais antiga é essa, rapaz? Você tá parecendo pobre. Pobre é que costuma dizer, quando tá na mesa: "Pra que tanta despesa por nossa causa? O senhor ficou louco? Isso dá prumas dez pessoas!" Vão falando, mas vão comendo tudo...

PALESTRIÃO - (*interrompendo*) Bem, eu acho é que já é hora de tratarmos do assunto que nos interessa. Prestem atenção os dois: eu boleei uma tramóia genial de enganar o soldado falastrão e tirar Filocomásia dele.

PERIPLECTÔMENO - Então nos diga.

PALESTRIÃO - Antes me passe esse seu anel.

PERIPLECTÔMENO - O que é que você vai fazer com ele?

PALESTRIÃO - Me dá o anel que eu conto.

PERIPLECTÔMENO - (*entregando o anel*) Tá aqui. Tome.

PALESTRIÃO - Em troca, aqui vai o meu plano: esse meu amo aí é um sujeito metido a conquistador de mulher casada; nunca houve nem haverá no mundo outro igual a ele, eu acho.

PERIPLECTÔMENO - Eu também acho.

PALESTRIÃO - Bem, ele se julga mais bonito do que o próprio Páris e vive dizendo que todas as mulheres de Éfeso dão em cima dele.

PERIPLECTÔMENO - Tudo o que você está dizendo é verdade, Palestrião. Mas isso tudo, nós já sabemos. Vê se dá uma resumida nesse negócio aí.

PALESTRIÃO - O senhor teria como me arranjar uma mulher, que seja sedutora e safada ao mesmo tempo?

PERIPLECTÔMENO - Livre de nascimento ou ex-escrava?

PALESTRIÃO - Tanto faz, desde que seja do tipo interesseira, jovem e bem bonita. E que seja bastante esperta.

PERIPLECTÔMENO - Pois eu tenho uma protegida minha, uma putinha bem novinha. Mas pra que você quer?

PALESTRIÃO - O senhor traz ela pra sua casa e faz ela ficar arrumada com se fosse uma mulher honesta: roupa de matrona, cabelo penteado em coque, fitas, essas coisas. Ela vai ter que fingir que é sua esposa.

PERIPLECTÔMENO - Não tô entendendo aonde você quer chegar.

PALESTRIÃO - Calma. Por acaso ela tem uma criada?

PERIPLECTÔMENO - Tem. E é da pá-virada também.

PALESTRIÃO - Ótimo. Então o senhor explica pra elas o seguinte: uma vai fingir que é sua esposa, mas que morre de amor pelo soldado. A outra vai inventar que recebeu este anel da patroa e me deu, pra eu entregar pro soldado, como se eu fosse o intermediário nessa história. Aí eu pego e dou o anel pra ele e falo que foi sua esposa que mandou, como prova de amor. E o babaca, sem-vergonha do jeito que é, vai ficar todo assanhado e cair feito um patinho.

PERIPLECTÔMENO - Se você tivesse encarregado o próprio Sol pra procurar as moças, ele não iria conseguir arranjar, como eu, duas tão em cima do pedido.

PALESTRIÃO - Pois então vá buscá-las, depressa. (*Periplectômene sai de cena*) Quanto ao senhor, Sr. Plêusicles, entre e espere novas instruções. (*Plêusicles entra na casa do velho. Palestrião, sozinho em cena, chama Céledro*) Céledro, vem aqui fora! Preciso falar com você!

LURCIÃO - (*saindo da casa do soldado, completamente bêbado*) O Céledro não tá podendo vir.

PALESTRIÃO - Por quê?

LURCIÃO - Porque ele tá serrando.

PALESTRIÃO - Serrando? Serrando o quê?

LURCIÃO - Roncando, eu quis dizer. É que aquilo parece um serrote quando dorme.

PALESTRIÃO - Hein!? O Céledro tá dormindo lá dentro?

LURCIÃO - Tá. Só o nariz dele que não.

PALESTRIÃO - Quer dizer então que vocês dois andaram enchendo a cara, né, seus pilantras? Você, que é encarregado de tomar conta da adega... (*Lurcião vai saindo de fininho. Palestrião o segura*) Ei, seu safado, espere aí!

LURCIÃO - Que que você quer?

PALESTRIÃO - Como foi que ele dormiu?

LURCIÃO - Fechando os olhos, eu acho.

PALESTRIÃO - Ô sua mula, não é isso que eu tô perguntando. Quero saber se foi você que deu vinho pra ele?

LURCIÃO - Eu? Eu não!

PALESTRIÃO - Não mesmo?

LURCIÃO - Não dei não. Ele falou pra eu não falar. É mentira que eu peguei quatro litros numa jarra, e é mentira também que ele bebeu tudo no almoço.

PALESTRIÃO - E você? Não bebeu nada?

LURCIÃO - Eu quero ficar bêbado, se eu bebi. Não deu pra beber.

PALESTRIÃO - Não deu por quê?

LURCIÃO - Tava muito quente, queimando a garganta. Aí eu tive que engolir tudo de uma golada só.

PALESTRIÃO - Sim, senhor! Quer dizer então que você e o Céledro vivem pegando vinho da adega?

LURCIÃO - O Céledro nunca pegou. Ele só manda. Quem pega sou eu.

PALESTRIÃO - Vai, vai, já pra dentro. Deixa o soldado voltar, que aí vocês vão ver só!

LURCIÃO - Nem brinca! Se o patrão chegar e me pegar assim, vai me pendurar na cruz! (*vai saindo de mansinho para a direita*) Eu vou é cair fora.

PALESTRIÃO - Ei, onde você vai?

LURCIÃO - Me mandaram prum outro lugar. Já já eu volto.

PALESTRIÃO - Quem foi que mandou?

LURCIÃO - Filocomásia.

PALESTRIÃO - Então tá! Pode ir.

LURCIÃO - Ah, se por acaso tiver uma distribuição de pancadas na minha ausência, pode ficar com a minha parte, eu não faço questão. *(sai para a direita)*

PALESTRIÃO - Já saquei qual é a dela: mandou esse cara passear pra aproveitar, enquanto Céledro tá dormindo, pra passar pro outro lado. Garotinha sabida ela, não? *(entra Periplectômene, acompanhado de duas moças)* Ah, lá está o sr. Periplectômene. Puxa, mas que garota bonita ele arranjou! E como está bem arrumada! Nem parece puta... *(dirigindo-se a eles)* Olá, sr. Periplectômene, que prazer revê-lo.

PERIPLECTÔMENO - Ah, Palestrião! Aqui estão as duas moças que você pediu: essa é Acrotelêucia e essa, Milfidipa.

PALESTRIÃO - Sejam bem-vindas! Tudo bem?

ACROTELÊUCIA - Tudo ótimo.

PALESTRIÃO - E aí? Já estão por dentro de tudo?

PERIPLECTÔMENO - Fique tranquilo. Trouxe as duas muito bem instruídas.

PALESTRIÃO - *(para Acrotelêucia)* Não se esqueça que você vai fingir que é esposa dele *(aponta para Periplectômene)* e tá apaixonada pelo soldado.

ACROTELÊUCIA - Tô sabendo.

PALESTRIÃO - Por acaso, você conhece o soldado?

ACROTELÊUCIA - Que pergunta mais besta! Quem não conhece esse sujeito asqueroso, papudo, esse cheirosinho metido a conquistador barato?

PALESTRIÃO - E ele? Te conhece?

ACROTELÊUCIA - Como poderia me conhecer? Nunca me viu.

PALESTRIÃO - Ótimo! Não tem como dar errado.

ACROTELÊUCIA - Pode deixar o homem comigo, sem esquentar a cabeça. Se eu não enrolar esse cara direitinho, pode jogar toda a culpa em mim.

PALESTRIÃO - De qualquer modo, caprichem, hein!

ACROTELÊUCIA - Não esquentar, cara.

PALESTRIÃO - Então, sr. Periplectômene, leva essas duas pra dentro. Eu vou até a praça, atrás do meu amo. Já já estarei aqui com ele, devidamente salivado. *(sai para a esquerda)*

PERIPLECTÔMENO - Bom passeio e boa sorte! *(a Acrotelêucia)* Olha, se o nosso plano der certo e a gente conseguir fazer que o meu hóspede tome a garota do soldado e leve ela de volta pra Atenas, eu prometo um belo presente pra vocês.

ACROTELÊUCIA - E a tal da moça? Vai colaborar?

PERIPLECTÔMENO - Mas com todo o gosto.

ACROTELÊUCIA - Então não tem perigo. Pilantras unidas, jamais serão vencidas!

PERIPLECTÔMENO - Muito bem. Então vamos entrar e nos preparar: daqui a pouco vocês vão ter que entrar em ação. *(entram na casa de Periplectômene.)*

ATO IV

PIRGOPOLINICES - *(voltando da praça, com Palestrião)*

Realmente, é gratificante ver que tudo deu certo e saiu conforme eu queria. O meu parasito já foi levar para o rei Seleuco os mercenários que recrutei para defender o seu reino. Agora eu vou dar uma descansada.

PALESTRIÃO - Ora, senhor, em vez de se preocupar só com os interesses do rei, o senhor deveria pensar um pouco nos seus interesses também. Sabe que eu tenho uma coisinha nova e deliciosa para o senhor!

PIRGOPOLINICES - É? Então me diga.

PALESTRIÃO - Antes vamos dar uma checada no ambiente pra ver se não tem ninguém xeretando a nossa conversa. É que me pediram sigilo absoluto nesse assunto.

PIRGOPOLINICES - *(depois de olhar à volta)* Não tem ninguém.

PALESTRIÃO - *(entregando o anel)* Então, tome: primeiro, receba de minhas mãos esta prova de amor.

PIRGOPOLINICES - Mas o que é isto? De quem é?

PALESTRIÃO - É de uma mulher, charmosa e fascinante, que o ama e suspira por sua formosa formosura. Este anel me foi dado pela criada dela para que eu entregasse ao senhor.

PIRGOPOLINICES - Mas quem é ela? É mulher livre ou é alguma ex-escrava?

PALESTRIÃO - Ora, senhor! Então eu iria arranjar pro senhor uma reles liberta, se o senhor não basta para todas as mulheres de condição livre que te desejam?

PIRGOPOLINICES - Casada ou viúva?

PALESTRIÃO - Ela é casada e viúva.

PIRGOPOLINICES - Como assim? Casada e viúva ao mesmo tempo?

PALESTRIÃO - É que ela é muito jovem ainda e é casada com um velho.

PIRGOPOLINICES - Não diga?

PALESTRIÃO - E é linda de morrer!

PIRGOPOLINICES - Olha lá, hein! Não me venha com mentira!

PALESTRIÃO - Pois se ela é a única capaz de competir com o senhor em beleza.

PIRGOPOLINICES - Por Hércules! Então você está falando de uma mulher pra lá de linda! Mas quem é ela?

PALESTRIÃO - É a esposa do velho Periplectômeno, o seu vizinho aí do lado. Ela está completamente apaixonada pelo senhor. Tanto que quer se separar do marido. Ela detesta o velho. Por isso até me pediu que eu lhe rogasse, lhe implorasse pra que o senhor a ajudasse nisso.

PIRGOPOLINICES - Mas é o que eu quero. Ela quer mesmo?

PALESTRIÃO - Ela? É o que mais quer nessa vida.

PIRGOPOLINICES - Mas, e a outra, a que está em minha casa?

PALESTRIÃO - Ora, aproveite pra mandar embora, pra onde ela quiser. Aliás, eu soube que sua irmã gêmea veio a Éfeso com a mãe justamente pra buscar ela.

PIRGOPOLINICES - O quê? A mãe dela está aqui em Éfeso?

PALESTRIÃO - É o que andam dizendo.

PIRGOPOLINICES - Mas então é uma bela ocasião pra despachar a sujeita!

PALESTRIÃO - O senhor poderia fazer uma coisa ainda melhor.

PIRGOPOLINICES - Me diz o quê.

PALESTRIÃO - O senhor não gostaria que ela fosse embora sem sofrer muito por ter que deixá-lo?

PIRGOPOLINICES - Gostaria.

PALESTRIÃO - Então faça o seguinte. O senhor é bastante rico. Então, deixa ela ir embora com todas as jóias e presentes que o senhor deu pra ela.

PIRGOPOLINICES - É, parece uma boa idéia. Mas espere um pouco: e se eu deixo essa escapar e a outra me dá os canos?

PALESTRIÃO - Ah, tás brincando! Uma mulher que te adora tanto quanto os próprios olhos!

PIRGOPOLINICES - Na verdade, até Vênus me ama!

PALESTRIÃO - Chiu, fique quieto! Tão abrindo a porta. Vamos nos esconder. *(entra Milfidipa, olhando para todos os lados; vê os dois, mas disfarça, fingindo não vê-los)* É a criadinha dela que está saindo, a que me entregou o anel que eu te dei.

PIRGOPOLINICES - Uau! Essa também é um xuzuzinho, hein!

PALESTRIÃO - Perto da outra, essa aí é uma bugia, uma coruja.

PIRGOPOLINICES - Quietos! Vamos ver se ela vai falar de mim.

MILFIDIPA - *(em voz alta para ser ouvida pelos dois)* Deixa eu ver se não tem por aqui nenhum desses enxeridos que se preocupam mais com a vida dos outros do que com a sua, querendo espionar o que faço. Morro de medo que me apareça um desses pra atrapalhar bem na hora que a minha senhora estiver aqui. Ah! Como ela está desejosa do corpo desse homem! Como o coração da coitadinha vibra de paixão por ele! Também, pudera! Um homem tão charmoso, tão lindo, tão magnífico, tão maravilhoso, como é o soldado Pírgopolinices!

PIRGOPOLINICES - *(em voz baixa, a Palestrião)* Pelo jeito, essa aí também tá apaixonada por mim. Viu só como ela elogiou a minha beleza?

PALESTRIÃO - Realmente, senhor.

PIRGOPOLINICES - E pra dizer a verdade, é bem gostosinha essa aí, hein?.

PALESTRIÃO - Isso porque o senhor ainda não viu a outra!

PIRGOPOLINICES - Acredito em você... Mas a outra não estando, me dá vontade de pegar essa mesmo.

PALESTRIÃO - Por favor, senhor. Essa aí não. Essa é a minha noiva!

PIRGOPOLINICES - Ah, bom. Então por que não fala com ela?

PALESTRIÃO - Vem comigo.

MILFIDIPA - *(sem olhar para eles)* Ah, se o acaso me concedesse a sorte de encontrar quem eu procuro!

PALESTRIÃO - Tá concedida! Tem aqui uma pessoa que sabe onde está quem você procura.

MILFIDIPA - *(ainda sem olhar)* Quem tá aí?

PALESTRIÃO - Sou eu. Pode se aproximar.

MILFIDIPA - *(aproximando-se e dirigindo-se ao soldado)* Salve, ó beleza deslumbrante!

PIRGOPOLINICES - *(à parte)* Me chamou pelo apelido! *(alto)* Salve, senhorita, que os deuses realizem os teus desejos!

MILFIDIPA - Oh! Passar o resto da vida com o senhor é o que...

PIRGOPOLINICES - Já está querendo demais!

MILFIDIPA - Não falo de mim, mas de minha senhora, que está desesperada, definhando, morrendo de amor pelo senhor.

PIRGOPOLINICES - Como ela, há muitas.

MILFIDIPA - Por Castor! não é de admirar: um homem assim tão belo, tão formoso, tão valente, tão ilustre... Pra falar a verdade, ninguém neste mundo é mais digno de ser um deus! *(Pirgopolinices faz pose de importante)*

PALESTRIÃO - *(à parte, referindo-se ao soldado)* Que topeira! Olhem só a panca dele! *(alto)* E então, senhor: qual é sua resposta? Essa aí vem da parte daquela que eu te falei há pouco.

PIRGOPOLINICES - De qual delas? São tantas as que me desejam. Não posso me lembrar de todas.

MILFIDIPA - Daquela que despojou o próprio dedo para enfeitar o seu! Ó senhor, não despreze quem tanto te ama e te adora! Mostre toda a sua generosidade, ó conquistador de cidades, ó exterminador de tiranos! Anda, meu Aquiles, dê sua resposta, por favor! Não atormentes ainda mais o coração da infeliz!

PIRGOPOLINICES - Pois bem! Pode dizer a ela que venha me encontrar e que estarei aqui à sua disposição.

MILFIDIPA - Obrigado, senhor, obrigado por corresponder ao seu amor...

PIRGOPOLINICES - E olha, moça! Fique sabendo que é grande honra que estou concedendo a ela neste momento!

MILFIDIPA - Sei, sim, senhor, e vou dizer isso a ela!

PALESTRIÃO - Muitas dariam todo o ouro do mundo em troca do amor deste homem!

MILFIDIPA - Oh, Por Pólux! Eu não duvido!

PALESTRIÃO - São verdadeiros heróis os que nascem das que ele engravida! Seus filhos chegam a viver oitocentos anos!

MILFIDIPA - *(baixo, a Palestrião)* Ai, seu desgraçado! Vê se não exagera, senão eu caio na risada!

PIRGOPOLINICES - Oitocentos só? Ora, são mil anos seguidos que eles vivem, século após século!

PALESTRIÃO - Desculpe, senhor, mas eu disse menos que é pra ela não pensar que estou mentindo!

MILFIDIPA - Misericórdia! Quantos anos não viverá ele próprio, se seus filhos vivem tanto?

PIRGOPOLINICES - Pois saiba, mulher, que eu nasci no dia seguinte ao que Ópis deu à luz o próprio Júpiter!

PALESTRIÃO - É verdade! Se ele tivesse nascido um dia antes, quem estaria reinando no céu agora era ele!

MILFIDIPA - Chega, chega, por favor! Me deixem sair com vida de suas mãos!

PALESTRIÃO - Então pode ir, você já tem a resposta.

MILFIDIPA - (*saindo, a Pírgopolinices*) O senhor deseja mais alguma coisa?

PIRGOPOLINICES - Sim: não ficar mais belo do que já sou! Essa minha formosura me traz muita aporrinhação! (*Milfidipa entra*) E agora, Palestrião? Não posso ficar com as duas! Como me livrar da outra, sem que ela sofra muito?

PALESTRIÃO - Mas eu já lhe disse, senhor, como fazer isso sem problema. Primeiro, deixe pra ela tudo o que senhor deu, as roupas, as jóias, etc. Depois, fala que essa é uma excelente ocasião pra ela voltar pra casa; diz que a irmã e a mãe estão aqui e vieram buscá-la.

PIRGOPOLINICES - E você tem certeza que elas estão aqui, em Éfeso?

PALESTRIÃO - Então não vi a irmã dela, com meus próprios olhos?

PIRGOPOLINICES - É? Ela veio aqui?

PALESTRIÃO - Veio.

PIRGOPOLINICES - E como ela é? Gostosa?

PALESTRIÃO - Ora, o senhor também não quer perder nada, hein!

PIRGOPOLINICES - E a mãe dela, onde está?

PALESTRIÃO - Tá de cama, no navio, com dor-d'olhos; pelo menos, foi o que o capitão me disse. Ele tá hospedado aí, na casa do vizinho.

PIRGOPOLINICES - E como é ele? Gostosão?

PALESTRIÃO - Que isso, senhor? Até os machos o senhor quer pegar?

PIRGOPOLINICES - Sabe, Palestrião, na verdade, eu gostaria que você falasse com a Filocomásia. É que vocês dois se entendem tão bem.

PALESTRIÃO - Não. É melhor o senhor tratar pessoalmente desse assunto. Olha: diz que tá precisando casar, que os parentes tão pedindo, os amigos, exigindo, essas coisas.

PIRGOPOLINICES - Então eu vou. Mas fique aqui de olho: assim que a outra aparecer, me chame.

PALESTRIÃO - Pode deixar comigo.

PIRGOPOLINICES - E se aquela não quiser ir por bem, eu ponho ela pra fora na marra!

PALESTRIÃO - Calma, senhor, não faça isso. O melhor é ela ir de bom grado. Não se esqueça do que eu lhe disse: as jóias, as roupas, deixa tudo pra ela. Tenho certeza que vai dar tudo certo.

PIRGOPOLINICES - Está bem, vou fazer isso então. (*entra em casa*)

PALESTRIÃO - Eta sujeitinho cretino esse soldado, hein!? Bem, mas agora seria bom se aparecesse por aqui a Acrotelêucia, ou a sua criadinha, ou então o Sr. Plêusicles... *(vendo sair os três)* Oh, por Júpiter! Lá vêm os três de uma vez só!

ACROTELÊUCIA - Venham; e fiquem de olho pra ver se não tem nenhum espião por aqui.

MILFIDIPA - Não tem ninguém, só aquele que queremos encontrar.

PALESTRIÃO - E eu, a vocês. Sr. Plêusicles, pode ficar tranquilo. A coisa tá em nossas mãos. O soldado já foi lá dentro pedir pra Filocomásia ir embora pra Atenas com a mãe e com a irmã.

PLÊUSICLES - Ótimo!

PALESTRIÃO - E tem mais: ela ainda vai poder levar com ela todas as jóias e roupas que o otário deu pra ela. Fui eu que sugeri isso.

PLÊUSICLES - Bem, então não pode dar errado, já que ela quer ir e ele quer que ela vá.

PALESTRIÃO - Mas agora todo o cuidado é pouco. Quando a gente tá saindo de um poço, é justamente na hora que chega lá em cima que o perigo de despencar é maior. O nosso negócio agora tá na boca do poço. Se o soldado desconfiar de alguma coisa, a vaca vai pro brejo. Por isso prestem atenção.

ACROTELÊUCIA - Pode comandar, meu comandante!

PALESTRIÃO - Você, Acrotelêucia, sabe o que tem que fazer?

ACROTELÊUCIA - Claro: fingir que estou morrendo de amor por ele, e que, por causa desse amor, eu decidi largar o velho e estou louca pra casar com ele.

PALESTRIÃO - E além disso, você tem que falar também que

essa casa é sua, faz parte do seu dote, e que o velho já se mandou daí. É que o soldado não pode ter receio de entrar em casa de outro.

ACROTELÊUCIA - Bem pensado.

PALESTRIÃO - Quanto ao senhor, Sr. Plêusicles, vá até o porto e se vista de capitão de navio. Ponha um chapéu preto de aba larga e um manto curto, também preto, preso no ombro esquerdo, deixando o braço descoberto. Ah, e não se esqueça de pôr um tapaolho.

PLÊUSICLES - E aí? O que que eu faço?

PALESTRIÃO - Aí o senhor vem e pergunta por Filocomásia. Fala que a mãe dela tá esperando no navio e que vocês pretendem partir imediatamente.

PLÊUSICLES - Combinado.

PALESTRIÃO - E eu vou falar pra Filocomásia me pedir pra ajudar ela levar a bagagem até o porto. Aí eu aproveito e zarpo com vocês pra Atenas.

PLÊUSICLES - E chegando lá, não permitirei que você continue escravo por nem mais um dia: você será um homem livre.

PALESTRIÃO - Agora vão todos, porque daqui a pouco o panaca vai aparecer. Vão, depressa, vão. *(Plêusicles toma o rumo do porto e as duas mulheres entram na casa do velho; surge o soldado)* Aí vem ele, todo risonho. Pelo jeito, conseguiu o que queria. Mas é um panaca mesmo!

PIRGOPOLINICES - Consegui, Palestrião, consegui! Filocomásia vai por bem e de bom grado!

PALESTRIÃO - Mas por que o senhor demorou tanto lá dentro?

PIRGOPOLINICES - Ah, Palestrião, nunca me senti tão amado por aquela mulher como agora!

PALESTRIÃO - Não diga, senhor?

PIRGOPOLINICES - Você não calcula o latim que eu tive que gastar! Como foi duro convencê-la! Mas consegui. Dei tudo o que ela quis, tudo o que ela pediu. Até você eu dei de presente pra ela!

PALESTRIÃO - Eu, patrão? Como poderei viver sem o senhor?

PIRGOPOLINICES - O que é que eu poderia fazer? Sem você, ela não iria!

PALESTRIÃO - É, o que é que se vai fazer. É triste ficar privado de um patrão tão magnânimo como o senhor, mas de qualquer modo fico feliz por ter contribuído para que o encanto de sua beleza seduzisse a nossa bela e jovem vizinha!

PIRGOPOLINICES - Pois eu vou lhe dar a liberdade, se você me conseguir essa moça

PALESTRIÃO - Mas já consegui, senhor! Ela será toda sua.

PIRGOPOLINICES - Aiaiai, que eu já tô tendo um troço!

PALESTRIÃO - Calma, patrão! Agüenta a mão um pouco. Não seja tão fogoso! Olha lá, é ela que tá saindo.

MILFIDIPA - (*saindo da casa de Periplectômene, com a ama, falando em voz baixa e olhando pelo canto do olho*) O soldado tá ali, patroa.

ACROTELÊUCIA - (*baixo, sem olhar*) Onde?

MILFIDIPA - Ali, à esquerda.

ACROTELÊUCIA - (*olhando pelo canto do olho*) Tô vendo. Agora é hora de ficarmos mais velhas ainda do que já somos.

MILFIDIPA - Começa você.

ACROTELÊUCIA - (*em voz alta*) Me diz a verdade, por favor, você falou mesmo com ele? (*baixo*) Fale bem alto, pra ele escutar.

MILFIDIPA - (*em voz alta*) Falei! Com ele, em pessoa! Falei com ele um tempão, todo o tempo que eu quis!

ACROTELÊUCIA - Oh! Então você é a mulher mais feliz do mundo!

PIRGOPOLINICES - (*baixo, a Palestrião*) Você ouviu? Caramba, como essa mulher me ama!

PALESTRIÃO - (*baixo, a Pírgopolinices*) O senhor merece!

ACROTELÊUCIA - Mas é extraordinário o que você me está dizendo. Dizem que só se consegue chegar até ele através de carta ou de alguém que nos anuncie, como se fosse um rei.

MILFIDIPA - Realmente não foi fácil me aproximar dele e dirigir-lhe o meu pedido.

PALESTRIÃO - (*baixo, a Pírgopolinices*) Puxa! O senhor tá com tudo com a mulherada, hein!

PIRGOPOLINICES - (*baixo, a Palestrião*) Que que eu vou fazer? Esse é o desejo de Vênus!

ACROTELÊUCIA - Ó Vênus, a tí-sou grata, mas ao mesmo tempo te peço e imploro a graça de me conceder aquele que eu amo e tão ardentemente desejo; que ele seja benevolente para comigo e não menospreze a minha paixão!

MILFIDIPA - Amém! Mas fique tranqüila, senhora. Apesar de serem muitas as que o desejam, ele não faz caso de nenhuma delas. Quer distância de todas elas, só da senhora que não.

ACROTELÊUCIA - É disso que eu tenho medo. Tenho medo de que ele, exigente como é, mude de opinião, quando seus olhos me virem; de que seu bom gosto se decepcione com a minha aparência. Mas se ele me desprezar e não quiser casar comigo, juro que dou fim à minha vida. Viver sem ele, para mim, é pior que a morte!

PIRGOPOLINICES - Eh, Palestrião, vejo que é preciso impedir a morte dessa mulher. Devo ir até ela?

PALESTRIÃO - De jeito nenhum. O senhor está querendo se rebaixar? Deixa que ela vai vir até o senhor. Deixa ela te procurar, te desejar, te esperar.

ACROTELÊUCIA - O que você acha, querida Milfidipa? Entro na casa dele ou mando você chamar ele pra mim?

MILFIDIPA - Eu acho melhor a gente esperar, até alguém sair.

ACROTELÊUCIA - Não, eu não agüento mais, eu vou entrar.

MILFIDIPA - Mas a porta tá fechada, senhora!

ACROTELÊUCIA - Eu arrombo!

MILFIDIPA - A senhora está louca!

ACROTELÊUCIA - Se ele já amou algum dia ou se tem tanta compreensão como beleza, vai saber perdoar, com seu bondoso coração, qualquer loucura que possa fazer por amor.

PALESTRIÃO - Coitada! Como ela está perdida de amor pelo senhor?

PIRGOPOLINICES - É recíproco!

PALESTRIÃO - Fala baixo, se não ela te escuta!

MILFIDIPA - *(a Acrotelêucia, que parou feito uma estátua diante da porta do soldado)* O que houve? Não vai bater?

ACROTELÊUCIA - Quem eu quero não está lá dentro!

MILFIDIPA - Como sabe?

ACROTELÊUCIA - Pelo cheiro! Meu nariz teria percebido, se ele estivesse lá dentro.

PIRGOPOLINICES - Mas ela é uma adivinha! Foi Vênus que deu esse dom a ela, porque me ama.

ACROTELÊUCIA - *(farejando o ar)* Ele está por aqui, não sei onde, mas sei que está. Sinto pelo cheiro.

PIRGOPOLINICES - Caramba! Essa aí enxerga melhor com o nariz do que com os olhos!

PALESTRIÃO - É que ela está cega de amor!

ACROTELÊUCIA - Ai, me segura, pelo amor de Júpiter!

MILFIDIPA - Por quê?

ACROTELÊUCIA - Eu vou ter um troço!

MILFIDIPA - Mas o que houve?

ACROTELÊUCIA - Não consigo parar de pé; meu coração quer sair pela boca!

MILFIDIPA - A senhora viu o soldado!

ACROTELÊUCIA - Vi.

MILFIDIPA - Onde, que eu não tô vendo?

ACROTELÊUCIA - Você veria, se estivesse apaixonada como eu.

MILFIDIPA - Ah, com licença, senhora, mas a senhora não está mais apaixonada por ele do que eu não!

PALESTRIÃO - Mas que coisa, senhor! Todas as mulheres ficam loucas pelo senhor logo à primeira vista!

PIRGOPOLINICES - Não sei se você já ouviu dizer que eu sou neto de Vênus.

ACROTELÊUCIA - Ah, Milfidipa querida, vai lá, por favor, e fale com ele.

PIRGOPOLINICES - Viu o temor que ele sente de mim?

PALESTRIÃO - A criada vem vindo pra cá.

MILFIDIPA - Gostaria de falar com os senhores.

PIRGOPOLICES - E nós com você.

MILFIDIPA - Conforme o senhor mandou, eu trouxe a patroa aqui fora.

PIRGOPOLINICES - Estou vendo.

MILFIDIPA - O senhor permite que ela se aproxime?

PIRGOPOLINICES - Já que você me pediu, resolvi não desprezar essa como eu faço com as outras.

MILFIDIPA - Ah, mas ela não vai conseguir dizer uma única palavra, se chegar perto do senhor. Só de te olhar de longe, já ficou com a língua travada!

PIRGOPOLINICES - Vejo que preciso curá-la dessa doença.

MILFIDIPA - Olha só como ela treme de medo, só de olhar para o senhor.

PIRGOPOLINICES - Ora, se até com homens armados isso acontece, que dirá com uma mulher... Mas o que ela quer que eu faça?

MILFIDIPA - Que o senhor vá até a casa dela. Ela quer viver o resto de sua vida com o senhor.

PIRGOPOLINICES - O quê? Eu entrar na casa de uma mulher casada? E se o marido me pega?

MILFIDIPA - Não tem perigo. Por sua causa, ela já mandou o marido embora.

PIRGOPOLINICES - E como ela pôde fazer isso?

MILFIDIPA - É que a casa é dela; faz parte do seu dote.

PIRGOPOLINICES - Não diga?

MILFIDIPA - É a pura verdade.

PIRGOPOLINICES - Então tá: fala pra ela entrar e me esperar lá dentro.

MILFIDIPA - Mas, por favor, não demore. Não vá fazer a coitadinha sofrer mais do que já tá sofrendo.

PIRGOPOLINICES - Estarei lá num instante.

MILFIDIPA - Vamos, senhora. *(entram na casa de Periplectômeno; Plêusicles se aproxima, vindo do porto)*

PIRGOPOLINICES - *(vendo-o)* Ué, quem será aquele sujeito vestido de marinheiro que vem vindo ali?

PALESTRIÃO - E vem vindo em nossa direção. Com certeza, quer falar com o senhor. Ah! É o capitão do navio.

PIRGOPOLINICES - Então deve estar vindo pra buscar a outra.

PALESTRIÃO - Acho que sim.

PLÊUSICLES - *(entrando e dirigindo-se à casa do soldado)* Realmente, a mulher é filha da própria Demora. Qualquer demora, por mais demorada que seja, é sempre menor do que a da mulher. *(batendo na porta do soldado)* Ei, tem alguém aí?

PALESTRIÃO - Ô rapaz, o que é que você quer? Por que tá batendo aí?

PLÊUSICLES - Vim buscar Filocomásia. A mãe dela que mandou. Se ela quiser ir, que ande logo. Está atrasando todo o mundo. Queremos zarpar imediatamente.

PIRGOPOLINICES - Já está tudo pronto. Vai buscar ela, Palestrião, e arranje alguém pra te ajudar a carregar o ouro, as jóias, as roupas, enfim, tudo o que eu dei pra ela levar.

PALESTRIÃO - Sim, senhor.

PLÊUSICLES - E depressa, por favor. *(Palestrião entra na casa do soldado)*

PIRGOPOLINICES - Ele não vai demorar, fique tranquilo.

PLÊUSICLES - Espero que não. Estou com muita pressa. Mas já estão demorando!

PIRGOPOLINICES - Ai vêm eles. (*aparecem Palestrião, Cétedro, com uma mala, e Filocomásia, que finge chorar*)

PALESTRIÃO - Mas será que a senhora não vai parar de chorar?

FILOCOMÁSIA - (*soluçando*) Como é que eu vou parar de chorar, se estou indo embora do lugar onde passei os mais belos dias de minha vida.

PALESTRIÃO - Mas olha, ali está o homem que a tua mãe e a tua irmã mandaram pra te buscar.

PLÊUSICLES - Boa tarde, Filocomásia.

FILOCOMÁSIA - Boa tarde.

PLÊUSICLES - Sua mãe e sua irmã lhe mandaram saúde e pedem que você venha comigo, enquanto o vento está favorável para soltarmos as velas.

FILOCOMÁSIA - Eu vou, ainda que seja contra a vontade: o amor filial acima de tudo...

PLÊUSICLES - Você é uma moça de muito bom-senso.

PIRGOPOLINICES - Se não tivesse vivido comigo esse tempo todo; hoje ela seria uma grosseirona.

FILOCOMÁSIA - Ai, é isso que me dói: ter de me separar de um homem como o senhor; só o senhor é capaz de lapidar o espírito da gente. Como eu estava orgulhosa de viver a seu lado. (*fingindo chorar*) Mas agora eu vou perder tudo isso.

PIRGOPOLINICES - Não chore.

FILOCOMÁSIA - Eu não consigo deixar de chorar, olhando pro senhor.

PIRGOPOLINICES - Vamos, coragem!

FILOCOMÁSIA - Só eu sei o que estou sofrendo.

PALESTRIÃO - Eu entendo que a senhora gostasse tanto de estar

aqui, D. Filocomásia, de ter seu coração preso à beleza, ao caráter, ao valor desse homem. Até eu, que sou um simples escravo, quando olho pra ele, tenho vontade de chorar porque vamos nos separar.

FILOCOMÁSIA - (*a Pírgopolinices*) Senhor, me permita que eu te dê um abraço de despedida!

PIRGOPOLINICES - Mas é claro.

FILOCOMÁSIA - (*adiantando-se*) Ó luz dos meus olhos! Ó estrela de minha vida! (*antes de abraçar o soldado, cambaleia e cai nos braços de Plêusicles*)

PIRGOPOLINICES - O que tá acontecendo?

PALESTRIÃO - Ah, coitadinha. Desmaiou de emoção por ter que deixá-lo.

PIRGOPOLINICES - Corre, vá buscar água.

PALESTRIÃO - Não precisa água não. Deixa ela repousar um pouco, que volta a si.

PIRGOPOLINICES - (*vendo Plêusicles beijar Filocomásia*) Mas eles estão com as bocas muito perto uma da outra. Ei, marinheiro, que negócio é esse? Tira seus lábios dos lábios dela! Tá querendo morrer?

PLÊUSICLES - Eu só tava verificando se ela respirava...

PIRGOPOLINICES - Era a orelha que você devia aproximar!

PLÊUSICLES - Olha, se o senhor quiser, eu largo ela.

PIRGOPOLINICES - Não, não, segura, segura.

FILOCOMÁSIA - (*fingindo recobrar os sentidos*) Mas o que é isso? Que aconteceu? Onde estou? Ai, quem é esse homem que está me abraçando? Estou perdida!

PLÊUSICLES - Não tenha medo, minha amor.

PIRGOPOLINICES - Ei, o que significa isso?

ATO V

PALESTRIÃO - *(tentando disfarçar)* Ah, ela já recobrou os sentidos. Isso vai acabar não dando certo!

PIRGOPOLINICES - O que que vai acabar não dando certo?

PALESTRIÃO - A gente, atravessar a cidade carregando toda essa tralha; será que os outros não vão pensar mal do senhor?

PIRGOPOLINICES - Que se danem os outros. São minhas, não deles, as coisas que eu dei. Agora vão, e que os deuses os acompanhem.

PALESTRIÃO - Então, adeus, senhor!

PIRGOPOLINICES - Adeus, passem bem. *(Plêusicles e Filocomásia saem com Cédredo em direção ao porto; Palestrião fica mais um pouco)*

PALESTRIÃO - Adeus, patrão, e nunca se esqueça de que eu sempre lhe fui fiel. Assim o senhor saberá quem foi bom e quem foi safado para com o senhor...

PIRGOPOLINICES - É, Palestrião, confesso que nunca tive muita confiança em você, mas hoje mais do que nunca eu sei...

PALESTRIÃO - É verdade, senhor. Hoje mais do que nunca, o senhor vai saber. E eu garanto... nunca mais vai se esquecer de mim.

PIRGOPOLINICES - Estou quase pedindo pra você ficar.

PALESTRIÃO - Isso não, senhor. Depois vão dizer por aí que o senhor não tem palavra. Isso não, de jeito nenhum!

PIRGOPOLINICES - Então, vai, depressa, se não você vai atrasar os outros.

PALESTRIÃO - Então, adeus! *(sai em direção ao porto)*

PIRGOPOLINICES - *(sozinho)* E eu, que sempre achei que esse aí era o pior escravo que eu tinha. E só agora descubro o quanto ele é fiel a mim. Bem, mas deixa eu ir lá pra dentro, pra junto do meu novo amor. *(entra na casa de Periplectômeno.)*

PERIPLECTÔMENO - *(saindo de casa)* Tragam esse traste aqui pra fora. Se não quiser vir, arrastem ele!

PIRGOPOLINICES - *(sai, as mãos amarradas atrás das costas, empurrado por Carião)* Ai, pelo amor de Júpiter, senhor!

PERIPLECTÔMENO - Pelo amor de Júpiter o escambau! *(para Carião, que tem uma faca)* Como é, Carião? E essa faca aí? Tá bem amolada?

CARIÃO - Tá que tá tinindo, senhor! E louquinha de vontade de cortar o saco desse putanheiro aí! Vou pegar os bagos e pendurar no pescoço dele que nem amuleto de criança.

PIRGOPOLINICES - Ai, tô morto.

PERIPLECTÔMENO - Ainda não; é cedo pra dizer isso.

CARIÃO - Posso mandar a faca nele?

PERIPLECTÔMENO - Não! Primeiro vamos dar-lhe uma boa surra.

CARIÃO - Com todo o gosto! *(bate)*

PERIPLECTÔMENO - Como você teve coragem de mexer com mulher alheia, hein, seu sem-vergonha?

PIRGOPOLINICES - Mas, pelos deuses, foram elas que vieram até mim!

PERIPLECTÔMENO - Tá mentindo! Pau nele. *(Carião torna a bater)*

PIRGOPOLINICES - Espera, espera, me deixa explicar! *(Carião pára de bater)*

PERIPLECTÔMENO - Por que parou? *(Carião volta a bater)*

PIRGOPOLINICES - Eu posso falar?

PERIPLECTÔMENO - Fala.

PIRGOPOLINICES - Foi ela que pediu pra eu ir até a casa dela.

PERIPLECTÔMENO - E você teve o descaramento de ir? Pois então, tome! *(bate)*

PIRGOPOLINICES - Aiai! Chega! Ai, já apanhei bastante!

CARIÃO - Quando é que vamos capar o homem?

PERIPLECTÔMENO - Quando você quiser. Deitem o homem no chão bem esticado e de pernas bem abertas.

PIRGOPOLINICES - Pelo amor de Júpiter, ouça a minha defesa antes de cortar.

PERIPLECTÔMENO - Aproveite pra falar enquanto você está inteiro.

PIRGOPOLINICES - Eu pensei, por Hércules, que ela fosse separada do marido. Foi o que me disse a criada dela.

PERIPLECTÔMENO - Depois da surra que levou hoje aqui e que ainda vai levar, você jura que nunca mais vai querer prejudicar alguém, se sair inteiro daqui, hein, netinho querido de Vênus?

PIRGOPOLINICES - Juro por Júpiter e por Marte que não vou prejudicar mais ninguém e considero merecida a surra que levei; e, se sair dessa com as minha coisas inteiras, vou dizer que o castigo foi até pouco em comparação com o que eu fiz.

PERIPLECTÔMENO - E se você não cumprir o juramento?

PIRGOPOLINICES - Que eu perca para sempre os meus... documentos.

CARIÃO - Vamos dar-lhe mais uma surra; depois eu acho que ele pode ir.

PIRGOPOLINICES - *(enquanto apanha)* Que os deuses sempre te protejam, por ter vindo em minha defesa.

CARIÃO - Então passe já pra cá uma mina de ouro.

PIRGOPOLINICES - Por quê?

CARIÃO - Por te deixarmos ir com os documentos ilesos, netinho querido de Vênus. Se não der, não vai sair daqui.

PIRGOPOLINICES - Eu vou dar.

CARIÃO - Assim, sim. E quanto à túnica, a clâmide e a espada, pode esquecer. *(dá-lhe ainda uma última pancada)*

PERIPLECTÔMENO - Já chega. Pode soltar!

PIRGOPOLINICES - Obrigado, senhor.

PERIPLECTÔMENO - Mas olha aqui: se eu te pegar de novo, vai ficar sem os documentos, entendido?

PIRGOPOLINICES - De acordo, senhor.

PERIPLECTÔMENO - Então vamos, Carião. *(entram em casa; vindo do porto, surge Céledro)*

PIRGOPOLINICES - Ah, lá está o meu escravo. Ei, Céledro, Filocomásia já foi embora?

CÉLEDRO - Já, senhor, há um bom tempo.

PIRGOPOLINICES - Oh, desgraça!

CÉLEDRO - E o senhor ainda não sabe do pior. Aquele sujeito, que tinha um tapaoelho, não era marinheiro coisa nenhuma.

PIRGOPOLINICES - Não era marinheiro?

CÉLEDRO - Que marinheiro o quê! Era o amante de Filocomásia.

PIRGOPOLINICES - Como é que você sabe?

CÉLEDRO - Eu sei. Nem bem passaram as portas da cidade, já se agarraram e não pararam mais de se beijar.

PIRGOPOLINICES - Ai de mim, desgraçado que sou! Me lograram direitinho! Ah! Maldito Palestrião! Foi ele que me fez cair nessa armadilha! (*pequena pausa para reflexão*) Mas é bem feito. Se acontecesse o mesmo com os outros safados, haveria muito menos safado neste mundo. Teriam mais medo e menos gosto pela sacanagem. Vamos entrar. (*aos espectadores*) E vocês, podem bater palmas, que a comédia acabou.

COLEÇÃO GIZ-EN-SCÈNE

VOLUMES PUBLICADOS:

1. *A Mocinha Frô-de-Lóto*, de RTjaçekhara.
2. *Os Menecmos*, de Plauto.
3. *Contas da Índia* (poesia lírica clássica indiana).
4. *Medéia*, de Eurípides.
5. *Disjunções: cenas de ódio e sangue do MahTbhTrata*, de BhTsa.
6. *A Comédia da Panela*, de Plauto.
7. *A Índia também tem graça!!!* (reunião de *O Asceta e a Cortesã*, de BodhTyana, e *Jogos da Bebedeira*, de Mahendravarman)
8. *O Soldado Fanfarrão*, de Plauto.
9. *Vacas Vermelhas da Aurora* (poemas védicos).
10. *Malaviká e o rei Agnimitra*, de KtlidTsa.

PRÓXIMOS VOLUMES:

- As Nuvens*, de Aristófanes.
- Diálogos dos Mortos*, de Luciano.
- Filoctetes*, de Sófocles.
- Lisístrata*, de Aristófanes.
- Epigramas Satíricos*, de Catulo e Marcial.
- O rei Pururavas e a ninfa Urvachí*, de KtlidTsa.